

Episódio 17: Sismar sobre o filme “O Melhor dos Mundos” com a realizadora Rita Nunes

[Separador musical]

Alexandra Carvalho (AC): Olá! Bem-vindos a mais um episódio do Sismar. Hoje vamos Sismar sobre cinema.

AC: Eu sou a Alexandra Carvalho.

Mónica Amaral Ferreira (MAF): Eu sou a Mónica Amaral Ferreira.

AC: E hoje temos connosco uma convidada muito especial, a realizadora Rita Nunes. A Rita tem formação em cinema pela Escola Superior de Teatro e Cinema; é uma cineasta premiada tanto a nível nacional quanto Internacional, e neste episódio o ponto de partida é o seu mais recente trabalho “O Melhor dos Mundos”. Um filme que está agora a estrear nos cinemas e que esteve a concurso no Festival Indie Lisboa. Com guião assinado por Rita Nunes e João Cândido Zacharias, este filme promete encantar aqui a nossa audiência. Rita muito obrigada por ter aceitado este convite.

MAF: Obrigada Rita.

Rita Nunes (RN): Eu é que agradeço o vosso convite.

MAF: Vou fazer aqui primeiro um aviso. Vamos discutir temas que poderão revelar partes do enredo do filme “O Melhor dos Mundos”, portanto quem não quiser *spoilers* não ouça este episódio antes de ver o filme, mas depois pode-se ligar. Portanto, Rita a primeira pergunta: “O Melhor dos Mundos” é um filme de ficção, ancorado na ciência e em factos científicos, como sejam os sismos e os cabos SMART - para quem não sabe, são os cabos submarinos que estão equipados com sensores que podem detetar e monitorizar o fundo dos oceanos e estudar assim a evolução de alterações climáticas, da temperatura ou então a emitir alertas precoces de sismos e tsunamis.

AC: Deixa-me só dizer que já tivemos um episódio sobre este tema com o Fernando Carrilho.

MAF: Com o Fernando Carrilho do IPMA, é verdade. Portanto Rita, quando começou a pensar neste filme, neste tema dos sismos, dos cabos submarinos, porque é que pensou desta forma?

RN: Então, o que aconteceu foi que este tema da probabilidade de acontecer um novo terramoto já era um tema que me interessava há muitos anos. Mesmo há muito tempo, já tinha tido um outro projeto escrito de outra forma, já há mais de 15 anos, mas, infelizmente, na altura, o filme não foi apoiado pelo ICA (Instituto do Cinema e Audiovisual) e não conseguimos avançar com o projeto. Pronto, os anos foram andando, eu fiz outros projetos pelo meio e, em 2019, já tinha terminado o filme anterior e resolvi pegar na ideia novamente e chamei o João Cândido Zacarias para escrever comigo. E começámos, nessa altura, partindo desta premissa de acontecer um novo terramoto em Lisboa – que vai acontecer, já se sabe – começámos numa base totalmente ficcional a desenvolver a história. A partir de uma protagonista, como também acontece neste filme, só que sem nenhuma base científica. Passados uns meses, leio uma notícia no Público que fala da instalação dos novos cabos submarinos e que explica todo o novo projeto científico que vai acontecer em

Portugal; que é um projeto pioneiro, que os cabos submarinos vão ser substituídos, que vão ter sensores, que vão ter uma série de funções novas numa série de estudos científicos de áreas diferentes e fala desta relação com a sismologia e com a possível previsão de – claro que com uma antecipação muito curta, mas pronto – fala da probabilidade de poder haver alertas precoces à população e tudo isso. Eu leio aquela notícia e pensei: “Isto é incrível. Eu não fazia ideia que isto fosse acontecer.” E, a partir daí, começo a pensar: “Mas espera aí; então, e se em vez de partir de uma base totalmente ficcional eu falasse com estes cientistas e tentasse perceber melhor o que é que vai acontecer aqui?” E, a partir daí, contactei os nomes que estavam lá no artigo: falavam do Yasser Omar, do Fernando Carrilho...

AC: No Luís Matias, que foi consultor também, não é?

RN: Exatamente. E comecei a contactá-los e percebi que eles eram esta rede que era o LEA – o Listening to the Earth under the Atlantic – falavam todos, eles estavam todos em comunicação. E, nessa altura, ou seja, em 2020, mais ou menos, na altura da pandemia, começo a falar com eles para perceber até que ponto é que faria sentido então partir de uma premissa real – que é este projeto que vai acontecer – em vez da premissa que nós tínhamos, que era uma totalmente ficcional e não se relacionava de todo com a ciência, mas com a parte só da premissa do terramoto poder acontecer.

MAF: Era aquela visão que também costumamos ter, não é? De 1755 em chamas, a fúria de Deus, não é? Mas depois, agora, apoiado mesmo na ciência.

RN: Sim, sim.

AC: Então, e como foi essa relação, essa comunicação com os cientistas? A linguagem foi acessível para vocês?

RN: O que aconteceu foi que, claro, nós, sendo completamente leigos nesta área de ciência – e em todas –, mas pronto. Eu, particularmente, gosto imenso de ciência, de várias áreas de ciência, mas começámos a conversar por Zoom – obviamente, nessa altura era difícil encontrarmo-nos pessoalmente, presencialmente. Mas conversámos com vários, aliás, entrevistámos a todos: o Luís, o Yasser, o Fernando Carrilho, a Susana Custódio e, agora, deve-me estar a falhar... Álvaro Peliz, na parte da oceanografia – uma série de cientistas que estavam ligados a esta temática. E percebemos rapidamente que íamos precisar de alguém que acompanhasse o projeto, ou seja, nós não íamos conseguir escrever toda a parte científica sem ter o acompanhamento científico.

AC: Certo. Há termos técnicos e há conceitos que vocês queriam abordar com precisão.

RN: Exato. E aí, o Luís Matias, entre eu pedir ao Luís e o Luís Matias também aceitar, foi rápido. Ou seja, percebemos que ele tinha que entrar no projeto como consultor científico e o Luís foi muito disponível para fazer esse acompanhamento do projeto desde o início, desde o momento em que transformámos o projeto num projeto totalmente com uma base científica real, porque nós estamos, no fundo, a retratar tudo o que é possível de acontecer, é quase um simulacro do que poderia acontecer. E depois falámos com o Fernando Carrilho também, claro que era fundamental na ligação ao IPMA.

AC: Certo, o projeto dos cabos submarinos.

RN: Exato, é o IPMA que vai coordenar. E todo o projeto foi acompanhado principalmente pelo Luís Matias, mas também pelo Fernando Carrilho. E tanto assim que o Luís Matias é o consultor do projeto e foi feito todo do princípio ao fim com revisões sucessivas do argumento do guião, até termos a certeza de que tudo o que estava ali... Na parte científica – claro que não na parte dramática.

AC: Pois, isso. E eu também ia perguntar: eles tentaram, de alguma forma, mudar a história? Deram sugestões, não?

RN: Não. Houve algumas balizas na parte científica, em que disseram: “Isto é possível, isto não é possível.” Há uma... há uma... há coisas que inicialmente o...

AC: Mas tem que se aceitar que há ficção no filme, não é?

RN: Exato.

AC: Eles aceitaram isso?

RN: Aceitaram, com algumas reticências. Disseram... Por exemplo, o Luís era muito reticente em relação à questão da previsão.

AC: imagino.

MAF: Porque não dá, a previsão com os cabos, não é? Claro.

RN: E não é possível, Claro. Essa liberdade é uma liberdade ficcional. Mas mesmo aquela parte dos animais, que aparece aquela coisa estranha dos pássaros, das minhocas, não sei quê, que também há essa mitologia que toda a gente da ciência diz que não está relacionada.

AC: Não está provado, pelo menos, portanto.

RN: Exato.

MAF: Mais ou menos, não sei. Há estudos.

AC: Há casos...

RN: Mas é uma coisa que está numa zona cinzenta, é uma zona cinzenta.

AC: Exato. É uma zona cinzenta e é complicado para um cientista estar a dar essa... Ser consultor e estar a aceitar essa evidência. Mas o filme é ficcional e, portanto, conseguiram fazer essa baliza.

MAF: É como as luzes no cabo.

RN: Exatamente, no casulo SMART, sim.

MAF: Quando fomos ao... Ao lançamento?

RN: À ante estreia.

MAF: À ante estreia, no Festival Indie. Estava lá o Luís Matias, e ele disse: “Eu não sei porque é que a Rita põe uma luz vermelha no casulo. Não há luz vermelha lá em baixo”.

AC: Devia ser verde.

(risos)

RN: Nem verde nem vermelha, nem nada, é claro. Mas isso também foi discutido.

MAF: Mas isso.. O espetador tem que perceber, tem que sentir qualquer coisa.

RN: Claro. Claro. Se estivéssemos só a ver aquele objeto no fundo do mar...

AC: Exato. Não teria criado nenhum impacto. Claro.

MAF: Este filme é... Gostei muito do filme, parabéns pelo trabalho. E acho que é uma forma, mesmo, de comunicarmos e de chegarmos à população – e não estarmos sempre presos àquelas gravuras de 1755 e à catástrofe que ocorreu. E acho que é bom darmos o salto e pormos a tecnologia, que está a trabalhar a favor da evolução da ciência. Mas, por outro lado, a comunidade científica é um bocadinho fechada e, se calhar, tem dificuldade em falar com a população. Eu acho que está bem retratado, naquela parte em que a Marta – no filme. A atriz Sara Barros Leitão – fala com o Secretário de Estado. Realmente, eu tive ali uma espécie de um *déjà vu*. Quando queremos passar a mensagem para alguma entidade ou para o governo, em que as pessoas pensam: “Mas, o resto não está a funcionar? Então está ótimo, não é?”. A cultura aqui tem um papel importante, em transmitir conhecimento. Não sei se pensou nisso, enquanto estava a escrever, mas eu acho que passa muito para o público, comunica um bocadinho o risco. Até depois, as outras partes do filme em que fala dos planeamentos, de emergência, termos um plano com a família. Portanto, aqui a cultura tem este papel de ponte, não é? Ou, se calhar, de espelho. Teve isso em conta, que poderia estar a ajudar a comunicar o risco?

AC: Sim, é uma campanha de sensibilização também, na realidade.

RN: Sim, de certa forma é claro. Porque, a partir do momento em que, se a base era real, científica, para mim fazia todo o sentido que também tivesse essa componente de quase didática, não é? E de pedagógica, no sentido de: “Espera aí. De facto, é provável que possa acontecer um terramoto. Se calhar não vai ser no nosso tempo de vida, mas pode acontecer”. E - porque não? - as pessoas estarem mais sensibilizadas para este tema, e para poderem também ter algumas coisas mínimas. Por exemplo, como o tal local de encontro, de que estávamos a falar antes de começarmos a entrevista. É uma coisa tão simples, não é? Combinar um ponto de encontro com alguém da família ou um amigo, ou com quem temos relações próximas, porque, se houver uma grande catástrofe, vai ser impossível as pessoas comunicarem e, provavelmente, vão-se sentir mais seguras se conseguirem saber que daqui a 20 minutos se encontram com alguém, com o filho, com o marido, com a mulher, o que seja, para pelo menos estarem juntos e saberem uns dos outros.

MAF: Pois, e o filme tocou-me particularmente porque o ponto de encontro da nossa família é mesmo ali no Jardim da Estrela. E muitas das cenas onde se passa são onde eu trabalho também, tem lá umas filmagens no Técnico (IST), não é? Ou então, pontos da cidade, ruas e edifícios que eu passo por eles.

AC: Este filme é muito interessante porque, de facto, funciona como uma campanha de sensibilização para a população. E, de facto, usar o cinema como esse veículo parece-me até uma estratégia muito eficiente. Eventualmente, a Proteção Civil pode aproveitar este veículo, que funciona tão bem ou melhor do que fazer palestras, porque nem todas as pessoas vão ouvir as palestras. E aqui muita gente vai ao cinema, de todas as idades, e portanto temos aqui a família toda eventualmente a ir ao cinema e, de facto, depois do filme podem conversar sobre estes aspectos. Portanto, tem mesmo um efeito muito prático ao nível da sensibilização das pessoas. Porque de certeza que depois deste filme se vai falar do ponto de encontro, se vai falar...

RN: Do kit, de fazer o kit...

MAF: Do kit, de mudar... De fixar os armários, não é?

AC: Medidas de autoproteção que podem ter dentro de casa, porque isso é retratado também lá numa imagem em que a Marta tira os objetos pesados dos móveis de cima. Isto é uma campanha de sensibilização espetacular e, mais uma vez, parabéns por esta ideia. E, de facto, a Proteção Civil tem aqui um mecanismo que pode usar para chegar à população. Acho que é um grande papel na comunicação de risco.

MAF: E a Rita, a percepção que tem sobre a questão dos sismos mudou alguma coisa com esta experiência? Depois de tanto convívio com os cientistas, não é? Acha que mudou?

RN: Mudei, no sentido em que foi uma aprendizagem enorme, não é? Toda a relação que tive com os diversos cientistas das várias áreas. Mas, de facto, essa percepção sobre a probabilidade do terramoto, já, como eu disse no início, já vinha de há muitos anos. Sempre me interessou este tema. E sou de Lisboa, vivo em Lisboa...

MAF: Mas tem algum cuidado particular, em por exemplo, saber se a sua casa é resistente ou não a um sismo, em ter um kit de emergência?

RN: Não, eu por acaso não tenho kit.

(risos)

RN: Mas perguntei a todos os cientistas com quem falei, e ninguém tinha.

AC: É verdade.

MAF: Eu tenho, eu tenho!

(risos)

RN: Pronto, são poucas as pessoas que têm.

AC: Eu tenho um, incompleto. Porque estou sempre a pensar que tenho que melhorar, e depois...

RN: Mas, sim, pensei sempre nas casas onde vivi, na casa onde vivo, se acontecesse, para onde é que eu ia, não é? Se vou para debaixo da mesa, vou para

debaixo de um vão... Mas também acho que haveria zonas da cidade e determinado tipo de prédios ou casas, onde eu não viveria por causa disso. Ou seja, isso, sempre pensei nisso. Foi sempre uma coisa presente na escolha das casas onde vivo. Eu arrendo casas, ou seja, no sentido em que não sou proprietário de nenhuma casa, então vou mudando de casa de vez em quando. Já vivi em várias zonas da cidade e em diversos tipos de prédios, e sempre tive isso em conta.

MAF: Portanto, não vai para o pé do Rio Tejo por causa do tsunami.

(risos)

RN: Não, não vou para o pé do Rio Tejo. Ou não vou para prédios muito antigos e muito frágeis.

AC: Exato, porque fica sempre... É sempre uma coisa que... Lá está, assim no sub...

RN: Sim, sim, sim. Sempre tive essa...

MAF: Portanto, tem percepção do risco.

RN: Tenho, tenho.

MAF: E até se vê aqui no filme, não é?

(risos)

AC: Uma coisa que eu achei curiosa, no filme, e de que gostei muito, aliás, foi do que eu gostei mais, foi aquela parte muito importante que é da indecisão dos cientistas de comunicar à população que estamos na iminência de um sismo, tendo em conta que, como não é uma certeza, vai criar aqui uma reação da população que pode ser igualmente catastrófica. Portanto, há aquela indecisão de vamos dizer, não vamos dizer, e a própria equipa não converge nessa decisão. Claro que depois a decisão estará nos superiores, e depois... Neste caso, seria o presidente do IPMA, certo? Que depois iria comunicar a quem de direito. Portanto, a decisão não cabe aos cientistas. Mas, esta indecisão e depois a decisão do presidente da instituição em comunicar, a quem de direito, foi conversada? Porque o Luís Matias também não tem essa experiência, não é? Porque é um cientista.

RN: Claro, claro. Foi, foi conversado, tudo foi conversado de princípio, tudo o que está no filme.

AC: Mas com decisores?

RN: Com decisores. Também falamos com a Proteção Civil. Mas, quer dizer, essa parte foi ficcionada, não é? Mas também com base em coisas que já tinham acontecido. Na altura em que estávamos no IPMA, já a preparar o filme e a ver os *décors*, tudo isso, lembro-me de assistir até a uma conversa entre o ex-presidente do IPMA, professor Miguel Miranda, e precisamente o Fernando Carrilho sobre a questão da crise sísmica nos Açores. E também de haver essas questões do que se faz, evacua-se, não se evacua. Ou seja, de facto, isto retrata uma situação muito provável, muito possível. E acho que cumprimos todos os protocolos, não é? O mais possível aproximado da realidade.

MAF: Pois, eu acho que tomaria a mesma decisão que se tomou depois no filme, não é?

AC: Que não vamos dizer.

MAF: É suspense.

(risos)

MAF: A Rita também é realizadora de Publicidade, não é? E, portanto, há bocado também estávamos a falar um bocadinho nisto. Este tema, se calhar, devia fazer... Devíamos fazer campanhas de publicidade para alertar. Por exemplo, a parte do separarmos, da reciclagem, o plástico, o vidro. Têm campanhas publicitárias há 20 ou 30 anos. E é por isso que as pessoas têm consciência do problema e tentam dar solução. Como é que nós podemos pegar neste assunto tão catastrófico, mas que tem solução? Eu estou sempre: "isto tem solução"! Não é? Se fizermos, se tomarmos as medidas corretas. Como é que se pode pôr isto na publicidade? Se tiver alguma ideia assim, já...

RN: Isto poderia haver, obviamente, campanhas. Mas normalmente qualquer campanha de publicidade parte de um cliente. Neste caso, o cliente seria a Proteção Civil ou as próprias autarquias, neste caso a principal interessada, a Grande Lisboa, não é? Porque é onde poderá haver mais risco, porque há mais população. No Algarve também poderia ser igualmente catastrófico se fosse numa altura de verão. Mas é onde está mais concentrada a população, são cerca de 3 milhões de pessoas, é na Grande Lisboa, não é? E aí, o cliente seria ou as autarquias ou a Proteção Civil nacional, no sentido de querer fazer campanhas de sensibilização das pessoas. E a partir daí, as campanhas de publicidade, seja por que tipo de produto for, são criadas por agências, por criativos, e depois há uma série de meios, não é? Rádio, televisão, outdoors, há tudo isso. Mas isso tem que partir do cliente, e o cliente tem que ser o governo, não é? Acima de tudo, o governo.

MAF: Temos que sensibilizar, não é?

AC: Sim, e de facto, se passasse assim...

MAF: Ou a SPES. Pode fazer uma campanha.

AC: Se calhar, se passasse um minuto todas as semanas, ou correntemente como passa a da reciclagem, de facto, isso começava a criar aqui uma mudança. Estava presente, não é? Basicamente o que nós queremos e precisamos é que esteja presente no nosso dia a dia e que, às tantas, isso seja uma parte natural, não é? De todos nós.

MAF: Pois. Para conseguirmos reagir e também minorar os danos, não é? Prendendo, fixando os elementos e também tentando que as nossas casas sejam menos vulneráveis.

AC: Rita, quer dizer alguma coisa para terminarmos? Aqui aos nossos espectadores? Aproveite agora.

RN: Quero só dizer que vão ver o filme. Acho que o melhor é verem o filme e irem às salas. O filme estará numa série de salas no país todo e espero que possam...

AC: ...Com a família.

RN: Com a família, com amigos...

MAF: E passem nas escolas.

RN: Exato. E sim, também vai passar nas escolas, mais à frente. E pronto, espero que as pessoas passem a ter uma relação com este tema também um bocadinho mais... Com mais consciência, não é? Do que pode acontecer. Não é? Esperemos que não seja no nosso tempo de vida, mas há uma probabilidade disso acontecer. E havendo, que as pessoas estejam conscientes disso.

AC: Boa. Obrigada. Ora terminamos então aqui. Hoje mergulhámos na sétima arte, foi um episódio um bocadinho diferente. Obrigada, Rita, por ter estado a sismar connosco e por nos ter mostrado um bocadinho os bastidores de *O Melhor dos Mundos*. Desejamos a melhor sorte para este filme, que temos a certeza que o público vai gostar e vai ser receptivo.

MAF: Obrigada Rita, por ter escolhido este tema para fazer cinema. A todos os que estão aí desse lado, obrigada por nos seguirem. Já sabe, podem-nos encontrar no site spessismica.pt e nas diversas plataformas: Spotify, Apple Podcasts, LinkedIn e Facebook. Enviem-nos as vossas questões e comentários para sismar.spes@gmail.com. Já sabem, mantenham-se alertas e preparados. Obrigada, Rita.

AC: Obrigada.

RN: Obrigada a vocês.

(música)

Sismar podcast

Apresentação: Alexandra Carvalho e Mónica Amaral Ferreira

Sonoplastia: Hugo O'Neill

Créditos de Música:

Paténipat, Charlotte Adigéry

Sinais, Clã